



Crise de representação política no Brasil e os protestos de junho de 2013

Crisis of political representation in Brazil and the protests of June 2013

Eduardo Heleno de Jesus Santos*

RESUMO

Este artigo procura, sob o olhar da ciência política, traçar algumas explicações para os protestos de junho de 2013. As manifestações ocorridas naquele período se tornaram um interessante fenômeno para análise política por seu acentuado simbolismo, em que pese o pouco efeito prático que trouxe para a efetivação de mudanças sociais. Ao longo desse ensaio, será feita uma breve descrição dos protestos, a análise de possíveis relações com o ciclo de atividade política brasileira, a avaliação do que as manifestações trouxeram de novo ao repertório sócio-político e a interpretação do que foi o movimento iniciado nas ruas das grandes metrópoles.

Palavras-chave: Crise política; Representação; Mídias sociais; Protestos de junho.

ABSTRACT

This article seeks, within the framework of political science, to draw some explanations for the protests of June 2013 in Brazil. The manifestations that occurred in that period have become an interesting phenomenon for political analysis for its sharp symbolism in spite of the little practical effect it had on effective social changes. Throughout this essay, will build a brief description of the protests, the analysis of possible relationships with the Brazilian cycle of political activity, an evaluation of what these protests have brought to the socio-political repertoire and an interpretation of what was this movement in the streets of large cities.

Keywords: Democracy; Political crisis; Representation; Social media; June protests.

INTRODUÇÃO

As manifestações ocorridas em junho de 2013 tornaram-se um interessante fenômeno para análise política por seu acentuado simbolismo em que pese o pouco efeito prático que trouxe para a efetivação de mudanças sociais. A mobilização teve como elemento deflagrador o anúncio de reajuste das passagens de transporte público feito pelas prefeituras e governos das principais cidades do país. O primeiro desses protestos foi organizado em São Paulo pelo Movimento Passe Livre (MPL) em 3 de junho, na zona sul de São Paulo, na estrada M'Boi Mirim. Os organizadores buscavam pressionar o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) para que voltassem atrás no aumento em 20 centavos na tarifa do ônibus, metrô e trens. No mesmo dia, ocorreu uma manifestação no Rio de Janeiro, em frente à

* Doutorando em Ciência Política. Professor do Curso de Relações Internacionais, Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Alameda Professor Barros Terra, s/nº, 2º andar (antigo prédio do CEG). Telefone: (21)2629-9960 Email: eduardoheleno@id.uff.br

Assembleia Legislativa, para também impedir o reajuste da tarifa em 20 centavos. Diante da falta de resposta das prefeituras e dos governos estaduais, novas manifestações foram agendadas, atraindo público cada vez maior. O segundo protesto em São Paulo, realizado em frente ao Teatro Municipal, três dias depois, contou ao menos duas mil pessoas e terminou com depredações, 15 pessoas detidas e três feridas.

Em poucos dias, os protestos foram ganhando cada vez mais adeptos e alcançaram outras capitais. Já no dia 16 de junho, cem mil pessoas participaram de uma manifestação na avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. No dia 20, foi a vez de cem mil manifestantes ocuparem a Avenida Paulista. Em Brasília, cidade onde os transportes não foram reajustados, manifestantes ocuparam a Praça dos Três Poderes e a rampa do Congresso Nacional em uma das cenas mais marcantes da série de protestos. Em todo o período, houve manifestações em 438 cidades do país, com uma participação estimada de dois milhões de pessoas e ampla cobertura jornalística.

Por que um aumento de vinte centavos na tarifa provocou protestos em tão grande escala, chegando a mobilizar brasileiros que moram no exterior? Para responder essa pergunta, talvez o primeiro caminho seja analisar o aspecto econômico daquela medida. Para isso, tomemos como referencial dois estudos do IPEA. O primeiro, realizado em 2011, apontava que nas capitais brasileiras a tarifa de ônibus teve um aumento de cerca de 60% acima da inflação ao longo de 16 anos, citando como referência os dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do ano de 1995. Números mais recentes mostram que em São Paulo, entre 1994 e 2013, tanto a passagem de metrô quanto a de ônibus sofreram reajustes acima da inflação. Em quase duas décadas, a taxa inflacionária acumulada foi de 332%, enquanto o reajuste da tarifa do metrô alcançou 400% e a dos ônibus, 500%. No Rio de Janeiro, o aumento acumulado da tarifa de ônibus nesse período chegou a 685%, a do metrô 840%, e a das Barcas, que fazem o percurso entre a capital e Niterói, a 1.263%. O que poderia justificar tal comportamento de alta acima da inflação no caso do modal rodoviário, seria a composição dos custos da tarifa, na qual os gastos com combustíveis e encargos pessoais contribuíam com uma proporção que variava entre 60% e 80% do preço do serviço, estando inseridos os impostos. Nesse aspecto, o aumento do custo do diesel seria a principal fonte para o aumento da tarifa (CARVALHO; PEREIRA, 2011). O segundo estudo do IPEA, de 2012, destaca que em que pese o crescimento da renda, as classes mais baixas, que correspondem a 60% da população metropolitana, são as que mais sofriam com os reajustes da tarifa (IPEA, 2012). Ou seja, embora o salário-mínimo tenha, durante 19 anos, sido reajustado acima da inflação, o impacto das tarifas de transporte público ainda era alto no bolso desse padrão de trabalhador.

Mesmo que os protestos tenham sido inicialmente motivados pelo aumento em vinte centavos da tarifa, eles não foram completamente reduzidos após o anúncio da redução da passagem. A dinâmica das mobilizações tomou um rumo totalmente diferente do esperado, atraindo os mais diversos grupos políticos e, de maneira espontânea, parte da população que foi aderindo – e propondo uma multiplicidade de pautas. Os vinte centavos passaram a significar uma luta por direitos.

Em parte, podemos creditar essa mudança à reação dos manifestantes e da população à repressão feita pelos órgãos de segurança, em especial as polícias estaduais, aos veículos tradicionais de comunicação e, por fim, mas não menos importante, aos partidos políticos como um todo. Vejamos cada um deles.

A TRUCULÊNCIA POLICIAL

As policiais estaduais, salvo raríssimas exceções, ofereceram cenas de truculência e violação aos direitos básicos constitucionais. Bem ilustrativo desse aspecto foi o episódio de violência a jornalistas nas manifestações de 13 de junho. Ao todo, de acordo com um relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 24 jornalistas foram feridos ou detidos pela Polícia de São Paulo nesse dia e 14 deles informaram à ABRAJI que as ações foram propositais (ABRAJI, 2013). O repórter fotográfico Sérgio Silva, da agência Futura Press, perdeu a visão do olho esquerdo após ser atingido por uma bala de borracha. O seu colega de profissão, Fábio Braga, também foi atingido, com três disparos de bala de borracha. Piero Locatelli, repórter da Carta Capital, foi detido por portar vinagre na mochila. A também repórter Giuliana Vallone, da Folha de São Paulo, foi ferida por um policial militar que atirou balas de borracha deliberadamente em um grupo de pessoas que estavam próximas a um estacionamento na rua Augusta, em sua maioria jornalistas, longe do grosso da manifestação. A imagem do rosto ensanguentado da jovem repórter correu o noticiário e serviu para que fosse realizado um ponto de inflexão no editorial do jornal da família Frias. Se no dia 13 o jornal incitava o poder público a retomar a Avenida Paulista, no dia 15 ela indicava a Polícia como a responsável pela violência.

A repercussão internacional de outros casos de violência envolvendo manifestantes e pessoas que nada tinham a ver com os protestos também ajudou a ampliar a indignação com a Polícia e com sua *célula mater*, a Política. Em uma dessas imagens, publicada pelo *New York Times* e que correu o mundo, uma jovem foi atingida no rosto por um spray de pimenta disparado por um policial no Rio de Janeiro. Ela havia sido agredida quando estava indo para um ponto de ônibus, longe da manifestação, e foi impedida pelos policiais de prosseguir, sendo em seguida presa por formação de quadrilha e só liberada após o pagamento de fiança no valor de três mil reais (MACKEY, 2013).

As notícias nada favoráveis sobre o comportamento dos policiais militares ajudaram a ampliar a adesão e a formar outro importante componente nos protestos de junho de 2013, a inserção das táticas de *blacks blocs* por parte de manifestantes isolados e de grupos constituídos. Esse conjunto de técnicas de desobediência civil, herdadas do movimento autonomista alemão da década de 1980 e dos protestos antisistêmicos em Seattle, Roma, Quebec e Cairo, entre outros, previa o ataque a símbolos do capitalismo, como agências bancárias, além do enfrentamento com a polícia (MONTENEGRO, 2013). No entanto, a efetividade dessas técnicas teve resultados muito discutíveis. Embora tenha havido certa simpatia no início de suas aparições, ao impor mais violência aos protestos, os militantes que adotaram a tática *black bloc* acabaram contribuindo para que a Polícia e os governos estaduais respondessem com mais rigor, dando inclusive uma razão de ser para os abusos policiais.

A REAÇÃO À IMPRENSA

Outros exemplos de repressão policial, mais numerosos, aplicados aos manifestantes desconhecidos, não precisou da mediação dos grandes jornais para serem questionados pela opinião pública. Os manifestantes, através da internet, tinham plena consciência de que não dependiam da boa vontade e simpatia dos editores dos conglomerados de *media* tradicionais, bastava a acessibilidade aos novos conglomerados de redes sociais. Como formadores e mediadores da própria narrativa, os mais engajados exortavam o público a deslegitimar o papel dos *media* brasileiros, excluindo-os do discurso, se analisarmos sob a ótica *foucaultiana*.

Buscavam assim agir da mesma maneira como os editores que eram alvo de sua crítica. Esse fenômeno não é novo, mas ganhou uma escala até então ainda não vista, com os protestos de junho.

De forma independente ao que era vinculado aos jornais e ao noticiário de rádio, TV e internet, vários grupos, de maneira difusa, já estavam, desde as primeiras manifestações, difundindo informações, algumas em tempo real e sem qualquer apuração, sobre o que ocorria nas ruas em ferramentas como o serviço de vídeo *youtube*, ou de mensagens como *twitter* e o *facebook*. O público interessado era noticiado e noticiava, com um surpreendente acervo coletivo de fotos, textos e imagens atualizado e disponível no celular. Nesse aspecto, as manifestações de junho de 2013, trouxeram uma novidade, não pelo uso da tecnologia *per se*, mas pela ampliação de seu uso para fins políticos em uma escala ainda não vista no país. Amplas mobilizações com o uso de redes sociais já haviam ocorrido nos Estados Unidos, na Síria, no Egito. Em 2013, foi a vez do Brasil.

Com a catarse das ruas, o discurso de ódio contra os meios de comunicação tradicionais cristalizou em violência. Em uma das manifestações realizadas no Rio de Janeiro, o repórter Vandrei Pereira, da Rede Globo, foi hostilizado por jovens e teve de contar com proteção policial. Em outros protestos, carros das equipes de TV foram queimados. Segundo a Abraji, 61 jornalistas haviam sido agredidos no trabalho de cobertura em 12 cidades (46 deles pela polícia) e 13 veículos de comunicação haviam sido depredados nos protestos. E esse número pode ser maior (ABRAJI, 2013).

O discurso contra os *media* foi apropriado tanto por correntes da esquerda quanto da direita. Essa atitude pode ser entendida sob duas interpretações, que são em princípio complementares. A primeira aponta uma falta de legitimidade dos meios de comunicação tradicionais em seu papel de mediar as informações. A segunda, o distanciamento entre o discurso editorial e às demandas dos mais diversos grupos de manifestantes. Afinal, nos protestos na rua e nas redes sociais, acusava-se a mesma mídia de ter apoiado a ditadura no passado, de ser complacente com o governo, de ter manipulado os dados em relação ao caso do Mensalão, entre outros gritos de ordem ouvidos nas manifestações. Além disso, havia uma clara indignação com o uso das palavras vândalos e baderneiros nas referências aos manifestantes que usaram a violência como forma de protesto.

A constante aparição do *Anonymous* e outros grupos de contestação ao *status quo* nas redes sociais foi um sintoma dessa falta de representatividade dos *media*. Em suas mensagens, buscavam os integrantes e simpatizantes desses grupos questionar as informações veiculadas pelas grandes empresas de comunicação, acusando-as de manipulação. Para isso, contavam com imagens não raro também manipuladas para se posicionarem numa espécie de guerra por corações e mentes cujo teatro de operações virtual eram o *facebook* e o *twitter*. Uma dessas imagens que circularam nas redes sociais, como bem lembra Sylvia Moretzsohn (2013), era de uma policial fardada, aparentemente ferida, sendo carregada por um civil, supostamente um professor. Essa foto na verdade havia sido feita em uma passeata realizada em 2010 em São Paulo, e o homem que aparecia na imagem era um policial infiltrado da seção de informações da Polícia Militar.

Ademais, os informes provenientes de relatos espontâneos e sem apuração, feito no calor do momento, deu espaço para que narrativas de toda a sorte fossem amplamente divulgadas. Ou seja, na suposta busca pela verdade – uma vez que até o momento não se sabe claramente os reais interesses dos dirigentes dessas páginas – essas fontes de conteúdo *on-line* serviram para a difusão de boatos e de “notícias

plantadas”. Um desses boatos dava conta de que a Polícia Militar havia cortado o fornecimento de energia da Faculdade Nacional de Direito e do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos protestos do dia 20 de junho, para pressionar os alunos a saírem desses prédios sob jurisdição federal (ANONYMOUS, 2013). Outro boato, divulgado nos protestos do dia 16 ocorridos ao redor do estádio Mário Filho, o Maracanã, denunciava que o sinal da rádio CBN havia sido cortado por ordem da Fifa e que na última transmissão foi possível ouvir o repórter Genílson Araújo chorando (MORETZSOHN, 2013).

Porém, houve também o trabalho bem sucedido de alguns manifestantes e grupos emergentes de mídia em trazer novos relatos e narrativas, com base em filmagens *in loco* das manifestações. Embora coletivos como o Fora do Eixo e o Mídia Ninja possam ter o seu *modus operandi* criticado após ter vindo a público a maneira como eram feitas as relações de trabalho, sem dúvida contribuíram para uma melhor visão do que ocorria nos protestos.

A REAÇÃO AOS PARTIDOS

A falta de representatividade dos partidos e lideranças políticas pode explicar como os protestos acabaram atraindo grupos com discurso de ódio aos partidos políticos e a política do *status quo*. Uma vez que as demandas sociais apresentadas não foram alvo de um amplo debate na sociedade mediado pelos partidos, o papel dessas legendas como representantes da sociedade ficou restrito ao momento em que as mobilizações tomaram vulto. No Rio e em São Paulo, as Comissões Parlamentares de Inquérito sobre os transportes acabaram surgindo somente depois do mês de junho.

A insatisfação com os governos federal, estadual e municipal, e com os partidos políticos, que fora catalisada por um movimento apartidário de esquerda como o MPL, acabou sendo a oportunidade para que outros movimentos apartidários, de diferentes linhas, e sem tanta força de mobilização, aproveitassem o vácuo e fossem para as ruas. Essa insatisfação tinha as mais variadas causas, como a continuidade do governo do Partido dos Trabalhadores na presidência, os gastos e as denúncias de corrupção envolvendo a Copa do Mundo, o julgamento dos réus do mensalão, a proposta de Emenda Constitucional nº37 que limitava o poder de investigação do Ministério Público, entre outras.

Sem dúvida, essa avaliação negativa dos políticos profissionais foi também resultante do bombardeio de notícias sobre os casos de corrupção e a escassa divulgação de uma agenda positiva do Poder Legislativo. A agenda dos casos de corrupção não responde somente à necessidade de fiscalização da imprensa: na verdade, ela oculta os mais diversos interesses que os acionistas da empresa jornalística têm em relação à política. Tal posicionamento é facilmente notável pelas diferentes coberturas que a mídia dá quando dois partidos opostos cometem a mesma irregularidade, a mesma infração, o mesmo crime. A regularidade das denúncias dos casos de corrupção e a exposição das práticas políticas definitivamente afastadas, para o senso comum, da moral que rege a vida coletiva, ampliaram esse distanciamento da sociedade para com os seus representantes.

Por sua vez, os partidos políticos foram surpreendidos pelos protestos. Em uma visita às páginas das principais legendas do país, realizada em 23 de junho, nota-se não somente um distanciamento mas certa visão negativa sobre as manifestações. As páginas do PDT e PSD sequer tinham uma nota sobre os protestos. A do Partido dos Trabalhadores estava fora do ar. Nos partidos de direita, havia um misto de

desconhecimento e desconfiança. No site dos Democratas, uma nota indicava que a legenda é “favorável a qualquer manifestação, à punição ao vandalismo e, sobretudo, quer entender com clareza as demandas que vêm das ruas” (PARTIDO DEMOCRATAS, 2013). Para o PSDB, havia uma tentativa de apropriação das manifestações por parte do governo: “É também inevitável constatar o oportunismo do alto comando do PT, que tenta se apropriar de um movimento independente, ao determinar que militantes do partido se misturem aos manifestantes com o claro intuito de diluir as cobranças feitas ao governo federal” (PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA, 2013). Na página do PSOL, havia destaque a uma matéria com o vice-presidente do partido em Goiás, Solano Castro, no qual ele reiterava ser “importante a organização conjunta da esquerda. Ter a coluna dos trabalhadores, dos movimentos, do PSOL, dos demais partidos de esquerda.” Ainda para Castro: “Precisamos participar dos atos, ainda que muitos setores da direita venham pregando o apartidarismo e se apropriando das nossas bandeiras históricas ou trazendo as suas conservadoras” (PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE, 2013). No site do PCB, a legenda alertava que a violência era culpa da polícia e de provocadores infiltrados da direita, e que a mídia burguesa buscava “sequestrar o movimento, jogando a massa despolitizada contra os partidos de vocação socialista” (PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, 2013).

A REAÇÃO AO STATUS QUO

Numa democracia representativa, a divisão entre Executivo, Legislativo e Judiciário ocorre em uma lógica de pesos e contrapesos no qual subentende-se a possibilidade de que cada um desses poderes possa atuar para frear os excessos do outro. Nesse aspecto, a falta de mediação dos partidos políticos na atuação no Congresso, nas Assembleias Estaduais e nas Câmaras Municipais para atender as demandas sociais alimentou a insatisfação não só com a política mas com o próprio Estado.

Só com pesos e sem contrapesos para lidar com questões como reajuste da tarifa do transporte público, remoções de moradores para a realização da Copa do Mundo e a própria repressão policial, o Estado brasileiro foi visto no imaginário de muitos manifestantes como uma estrutura cuja existência era questionável, uma democracia na qual os partidos eram ineficientes e corruptos. Tomando como referência o pensamento de Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, filósofos políticos que em diferentes épocas pensaram a razão de ser do contrato social, o Estado brasileiro era criticado por permitir a existência de milícias, por não garantir a segurança, por não assegurar a liberdade, por não prover melhores condições aos mais necessitados e tampouco representação política.

A parcela dos militantes mais crítica à existência do Estado, os anarquistas, buscou apropriar-se desse momento para aumentar sua influência, mesmo em alguns casos associando-se às demandas dos sindicatos (dos professores). Desde grupos formalmente constituídos a redes informais e verticalmente constituídas com o discurso anti-sistêmicos, como os *Anonymous*, pareceu surgir um anarquismo multifacetado.

Isso porque essa crítica ao Estado também atraiu pessoas que simpatizam aqui no Brasil com as ideias conservadoras do *Tea Party*, partido da ultradireita estadunidense que condena a interferência estatal.

Ainda no bojo da manifestação, outra pequena parcela conservadora pode ser destacada, organizada no movimento de intervenção militar em 2014. Formada por

pessoas de pensamento conservador, que defendiam os valores tradicionais católicos e anticomunistas, essa comunidade chegou a organizar uma passeata em julho na cidade em São Paulo, mas com pouquíssima adesão.

COMO EXPLICAR O JUNHO DE 2013?

A melhor forma de explicar os protestos de junho de 2013 é pela sua natureza política. As manifestações que tomaram conta do país se apresentam como fruto do desgaste dos partidos em realizar sua função de representação da sociedade, e dos poderes constituídos em responder através de suas instituições às variadas demandas. Diante desse quadro de ineficiência, os protestos foram ganhando adeptos, pois a questão das tarifas era apenas uma entre as demais que pouco foram negociadas com a sociedade. A contínua violência policial, sintoma de falha nas instituições de segurança pública, agravou mais ainda a insatisfação de parte da sociedade com o Estado.

Com o intuito de aprofundar essa reflexão, outras questões podem ser levantadas:

- a) *O sucesso dos protestos dependeu das redes sociais?* Embora as redes sociais tenham exercido forte influência como catalisadores do movimento, a dinâmica das interações pessoais off-line, por assim dizer, foram imprescindíveis para o sucesso das manifestações. Os grupos que tiveram sucesso em mobilizar pessoas pela internet tinham uma boa base de organização local. Isso explica por que algumas passeatas organizadas em sites como o Facebook, embora reunissem milhares de interessados, sequer foram realizadas. A mais curiosa foi o chamado à greve geral do dia 1º de julho, que chegou a reunir 15 milhões de convidados e ter a confirmação de um milhão de usuários, sem ocorrer.
- b) *A série de protestos realizadas no país teria dado um recado aos políticos?* De certo os partidos políticos foram surpreendidos pelos protestos de 2013. A ausência de um partido mais atuante como oposição reforçou essa ausência de representação, típica onde há competição política. No entanto, a proposta de reforma política elaborada pela presidente Dilma Rousseff, como resposta às demandas populares, pouco avançou e não há no atual panorama político a formação de novas lideranças e tampouco o abandono das antigas práticas que geraram os casos de corrupção. A eficácia dos grupos de pressão foi em muito comprometida pela inexistência de um grande grupo de objetivos em comum em pudesse reunir uma quantidade razoável de manifestantes e de aderentes de última hora como forma de pressão. Diferente do MPL, que tinha alguns objetivos bem tangíveis, entre eles a redução imediata da tarifa, e das várias causas que aglutinaram boa parcela dos manifestantes, como a questão da PEC 37, o discurso de desconstrução do Estado dos anarquistas, de redução da interferência estatal por parte dos adeptos da direita, e de uma possível intervenção militar, por parte dos saudosos da ditadura militar apresentavam baixa ou pouquíssima adesão.
- c) *Por fim, seriam as manifestações uma novidade na política brasileira?* Apesar de ser taxada pelos manifestantes como uma nova era na história brasileira, os eventos de junho de 2013 podem ser enquadrados no ciclo de atividade política que reserva aos últimos anos de mandato maior polarização e mobilização política. Na história recente, tivemos o ano de 2009, com o debate sobre o Plano Nacional de Direitos Humanos e o ano de 2005, com a

divulgação do escândalo do Mensalão, como fatores anunciadores de potencial crise para o final de mandato, que no entanto não afetaram sobremaneira a hegemonia do Partido dos Trabalhadores. Ademais, o país já havia presenciado manifestações massivas em 1984, pelas Diretas Já e em 1991, pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Em épocas anteriores, em que a reeleição não era permitida, a agitação política se dava entre o terceiro ano e os últimos meses do mandato presidencial. Sua temporalidade também está muito ligada à proximidade com a Copa das Confederações, que fora realizada na segunda quinzena do mês e que serviu para exibir para todo o mundo a situação no país.

Junho de 2013 poderia ser então explicado resumidamente como o período de mobilização social causado pelo desgaste da política brasileira em representar os seus cidadãos e por certa agitação política comum nos últimos meses do mandato. Por ser uma falha geral das legendas, trouxe reação popular não somente ao partido do governo, mas a todos os partidos e à própria forma de fazer política. Por ser algo relacionado ao ciclo da política brasileira, está imbricado à disputa eleitoral de 2014. Iniciado por um movimento apartidário de esquerda, esse momento político foi alvo da apropriação de vários grupos de pressão e até de partidos políticos, que queriam aproveitar um até então não revelado desgaste do terceiro ano de mandato de Dilma Rousseff e a repercussão dos protestos devido à Copa das Confederações. Apesar de seu simbolismo, até o momento poucas mudanças no campo político ocorreram em face às demandas apresentadas nos protestos.

Artigo recebido em 05/05/2013 e aprovado em 09/05/2014

REFERÊNCIAS

ABRAJI revela que foram intencionais 70 das 113 agressões a jornalistas nas manifestações de 2013. *Abraji*, dez. 2013. Disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687>. Acesso em: 21 dez. 2013.

AGENTES do Caos. Editorial. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2013/06/1295534-editorial-agentes-do-caos.shtml>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

ANONYMOUS Rio. Postagem no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anonymousrio/posts/562798373770515>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

CARVALHO, Carlos Henrique Ribeiro; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. Efeitos da variação da tarifa e da renda da população sobre a demanda de transporte público coletivo urbano no Brasil. Textos para discussão -1595. Brasília: IPEA, mar. 2011. ISSN 1415-4765.

ESTOQUE acaba e PM compra bombas de gás lacrimogêneo emergencialmente no Rio. *Notícias Uol*, São Paulo, 27 jun. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/06/27/estoque-acaba-e-pm-compra-bombas-emergencialmente.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

IPEA. Gastos das famílias das regiões metropolitanas brasileiras com transporte urbano. *Comunicados do IPEA*, Brasília, n.154, 20 set. 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120920_comunicad_oipea0154.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

JOVENS se refugiam em universidade por temer prisões. PM nega cerco. G1, 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/jovens-se-refugiam-em-universidade-por-temer-prisoas-no-rio.html>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MACKEY, R. Protests expand in Brazil, fueled by video of police brutality. *New York Times*, Nova Iorque, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://thelede.blogs.nytimes.com/2013/06/18/protests-expand-in-brazil-fueled-by-video-of-police-brutality/?ref=brazil>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MANIFESTANTES danificam pelo menos 13 veículos de reportagem no Brasil. *Abraji*, 28 jun. 2013. Disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2539>. Acesso em: 22 dez. 2013.

MONTENEGRO, C. Black Blocs cativam e assustam manifestantes mundo afora. *BBC Brasil*, 8 out. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130822_black_block_protestos_mm.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2013.

MORETZSOHN, S.D. Redes sociais, boatos e jornalismo. *Observatório da Imprensa*, edição 751, 18 jun. 2013. ISSN 1519-7670. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed751_redes_sociais_boatos_e_jornalismo>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MULHER atacada por PM com spray de pimenta no Rio diz que sofreu 'tortura psicológica'. *Notícias Uol*, São Paulo, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/06/19/carioca-do-nyt-diz-que-sofreu-tortura-psicologica.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

NUNCA fui fã de política', diz músico que convocou greve geral na segunda. *Notícias Terra*, 28 jun. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/nunca-fui-fa-de-politica-diz-musico-que-convocou-greve-geral-na-segunda,e4547a08d9c8f310VgnVCM20000099cceboaRCRD.html>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Toda força ao movimento popular! Não ao fascismo! Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6175:toda-forca-ao-movimento-popular-nao-ao-fascismo&catid=25:notas-politicas-do-pcb>. Acesso em: 23 jun. 2013.

SÃO PAULO: marcha 'em defesa da liberdade' pede volta dos militares ao poder, *Notícias Terra*, 10 jul. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/sp-marcha-em-defesa-da-liberdade-pede-volta-dos-militares-ao-poder,e5d130a67cacf310VgnVCM4000009bcceboaRCRD.html>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

PARTIDO DEMOCRATAS. *Um governo perdido frente às manifestações*. Disponível em: <<http://www.dem.org.br/um-governo-perdido-frente-as-manifestacoes/>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA. *Nota à imprensa*. Disponível em: <<http://www.psd.org.br/nota-a-imprensa-11/>> Acesso em: 23 jun. 2013.

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE. Em Brasília, ato reúne mais de 40 mil pessoas, mas militantes criticam o discurso do "apartidarismo" e defendem unidade da esquerda. Disponível em: <<http://www.psol50.org.br/site/noticias/2083/em-brasilia-ato-reune-mais-de-40-mil-pessoas-mas-militantes-criticam-o-discurso-do-apartidarismo-e-defendem-unidade-da-esquerda>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

RETOMAR a paulista. Editorial. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 19 dez. 2013.

TARIFAS de ônibus. *Portal Terra. Infográfico*. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/tarifas-de-onibus/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.